

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA EM COMUNIDADE TRADICIONAL: QUILOMBO CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

Denilson Pereira Rosa
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

ISSN 2316-6479

Resumo

Este artigo se inscreve num campo que é o da intervenção artística em comunidade tradicional, as suas questões não se limitam somente a esta área do conhecimento, mas ao debate da arte contemporânea.

Palavras – chave: intervenção artística; arte pública e comunidade quilombola.

Abstract

This article is part of a field that is of intervention in traditional community, their issues are not limited to this area of knowledge, but the discussion of contemporary art.

Keywords: artistic intervention; public art and quilombola community.

1. Partida

O ponto de partida deste artigo é a discussão da intervenção artística em espaço público. Convido-os a tatear comigo no desconhecido a procurar as narrativas contemporâneas: arte visível e arte invisível. Não perder de vista o debate: arte em espaço público, e em comunidade tradicional, não se trata de desprezar o valor material e simbólico das esculturas e monumentos presente na história da arte, mas também situar a interação artística no limite da ação cultural e política.

O conceito de arte pública em sua amplitude e diversidade não será o foco deste texto, mas sim a intervenção artística que está sendo realizado no Quilombo de Conceição das Crioulas, no município de Salgueiro, sertão central de Pernambuco - Brasil. A tentativa é perceber a invisibilidade da arte nas ações multiculturais e nos trabalhos de criação coletiva como concepção de arte contemporânea. Avanço entre genealogia e arqueologia única possibilidades de luzes nesta discussão.

A intervenção artística, assim como a discussão teórica, pretende tatear no escuro, e perseguir aquilo que ainda não conheço, esse será precisamente o

exercício de situar esse esboço no debate contemporâneo, “a via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia” (AGAMBEN 2009, p.70). O trabalho está a ser rascunhado e criado lentamente nesta perspectiva, acredito que não faz sentido escrever um trabalho quando já temos antecipados todas as respostas.

Para aguçar a nossa imaginação recorro-me ao livro *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* de Giorgio Agamben (2009). A hipótese inicial, ou melhor, nas palavras de Jorge Ramos do Ó “a fantasia” da questão que estou a pensar é a seguinte: a intervenção artística como *locus* privilegiado da arte em espaço público (objeto de interesse da investigação em andamento no doutoramento em Educação Artística, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto) entendido como “arte invisível”, conceito em desenvolvimento na utopia artística do cabo-verdiano Leão Lopes, que realiza com seus alunos e com a comunidade, trabalhos de artes, designer e arquitetura, na Ilha de Santo Antão em Cabo Verde, “o produto da criação não é palpável, não é vendido, mas está lá na intervenção, na criação com a comunidade” (Anotações do III Encontro Aberto do Doutoramento em Educação Artística da FBAUP).

Os óculos que permitirão ver melhor minhas questões pretendem manter “fixo o olhar no seu tempo” (Idem, p.62), o fio condutor que o conceito de contemporâneo pode dar para esse artigo é precisamente possibilitar situar a discussão sobre o conceito de quilombo a partir do tempo presente e não fixado e congelado no passado, como por muito tempo a literatura especializada insistiu em ponderar, sendo assim este texto sinaliza duas grandes questões: intervir em Conceição das Crioulas e atualizar o conceito de quilombo.

A ideia do quilombo como sendo um local escondido e de difícil acesso, foi uma construção histórica realizada pelos colonizadores, o quilombo que estou a investigar (Conceição das Crioulas) está em constante interação com o estrangeiro principalmente pelo trabalho realizado por investigadores, professores, artistas e alunos e ex-alunos da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. As intervenções pontuais nesta comunidade negra procura partir do visível em direção ao invisível. Nas intuições de Agamben está o discurso do meu discurso “como via de acesso ao presente” (Idem, p.70).

O caminho sobre o qual estou a percorrer, se configura em um exercício da contemporaneidade que se lança ao desconhecido, “que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (Idem, p.64). Estou a tentar encontrar as minhas formulações em um trabalho de interação multicultural na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, em Pernambuco, que

atravessam as ideias de Agamben. O desafio é ir à procura no domínio do dizível e/ou ainda do discurso do invisível nas artes visuais.

Esse esboço (que está a ser aprofundado na investigação, para a escrita da tese) é tão somente uma tentativa de aproximação da ideia de contemporâneo formulada por Agamben (2009) e como ela pode ser mobilizada para as questões que pretendo investigar sobre intervenção artística em um quilombo, inscrita na discussão da arte pública, não se trata de criação de escultura, pintura, gravura, desenho ou trabalho bi e tri dimensionais, mas sim situar a ação no campo específico da política.

O tempo presente só pode ser compreendido olhando-se ao passado “arqueologia” (Idem, p.70), neste sentido, me parece factível apropriar-me dos registros e documentos sobre a história e cultura da comunidade de Conceição das Crioulas, e da história da arte pública visível, para abordar a arte pública invisível: as intervenções artísticas e multiculturais se configuram como criação coletiva sem autor e autoria inscrita na ação que tem na história recente da arte suas motivações no construtivismo russo e nas situações dos propositores da internacional situacionista.

2. Problema

Percebo as intervenções artísticas, análoga à arte pública inscrita no discurso da arte contemporânea, levando em consideração na altura desse escrito apenas Agamben (2009), naturalmente é prematuro dizer que se limitará a esse conceito de contemporâneo. O problema em discussão constitui precisamente em uma reflexão sobre a arte pública visível (literatura específica da história da arte) e a arte pública invisível (ação e interação na comunidade). Enfatizar neste esboço que essa problemática é uma série de processos e práticas hegemônicas e transgressoras, que não são certas, nem erradas, mas são questionáveis. Abrir o espaço de questionamento e colocar em crise aquilo que sobre a arte pública era impensável questionar.

Penso a interação artística em periferias urbanas, e em comunidades tradicionais, exatamente no ambiente da transgressão dos códigos eruditos, canônicos da arte hegemônica que reina absoluta na sociedade contemporânea. Procuro não perder de vista, as teorias, as convergências e divergências que alimentam os discursos autorizados e os clandestinos em torno deste assunto, e ainda, não estou a reforçar a fala\escrita de salvação (da pobreza, da miséria, das drogas e da violência) através da arte e dos trabalhos de intervenções públicas.

A interação artística que estou a defender assume um caráter diferente da tradicional escultura, pintura e arquitetura urbana (assinalo novamente o valor dessas obras para os locais em que elas estão). A grande questão é tornar visíveis outros pontos de partidas, assumindo conscientemente a pesquisa e a intervenção artística como profanação de um único discurso sobre arte pública. Segundo Agamben profanação “é a passagem do sagrado, para a esfera humana” (AGAMBEN 2006, p.104). Arte contemporânea intrinsecamente relacionada ao político, ao cotidiano e a vida.

3. Objetivo

O objetivo deste esboço é assinalar as impressões que tenho da obra: *O que é o contemporâneo?* Um discurso mergulhado nas trevas do presente. A minha motivação é a ideia desenvolvida neste livro, que corre o risco de perceber o invisível. Ou ainda, partir de um questionamento da arte pública apenas como patrimônio material e visível, e caminhar em direção do invisível, através da intervenção cultural em desenvolvimento em Conceição das Crioulas, com foco pontual na arte em espaço público, e intervenção artística.

Não me apetece com a interação cultural a criação de obras de arte em si, mas registrar a ação e o processo na possibilidade de perceber problemas teóricos, e de metodologia da investigação em artes visuais. Perceber a interação como processos laboratoriais de partilha de experiência, de conhecimentos, gostos, cheiros e cores, originados em diálogo permanente e duradouro com a população quilombola pautado sempre no conceito de democracia radical, uma investigação que se lança no desconhecido.

Este artigo é na altura, um exercício de escrita, neste sentido, a ideia de contemporaneidade como “a percepção não das luzes, mas do escuro” formulada por Agamben (Idem, p.62) será mobilizada exclusivamente para pensar as questões: intervenções artísticas, arte pública, arte invisível, pesquisa performativa, transgressora por natureza e resistente às normatizações. Pensar a educação e o ensino da arte na escola do tempo presente articulada com a percepção das trevas contemporânea.

Pensar a intervenção artística a partir da minha experiência de acessar a bibliografia sobre arte pública e encontrá-la na maioria das vezes cristalizada nos museus, praças, monumentos e galerias. Condições que a tradição criou operando por codificações e a atualidade questiona quando se arrisca experimental. Para Agamben, a contemporaneidade “exige ser contemporâneo

dos textos e dos autores que se examinam” (Idem, p.26). Através da colagem de textos, experiências e diferentes autores do passado e do presente aproximam-me da arte pública invisível e efêmera.

Procuram-se nos sítios do desconhecimento, mais perguntas do que respostas. Tentam-se imaginar nas zonas de cegueira do hoje, outras perspectivas para pensar e investigar sobre intervenções artísticas em espaço público. Neste sentido, Fernando Hernández disse que “é mais seguro pesquisar aquilo que não se sabe”, e ainda, um trabalho de pesquisa descolonizada e performativa pretende “expandir os modos de conhecer e narrar” (Anotações do IV Encontro Aberto do Doutorado em Educação Artística da FBAUP).

É na confusão, e na cegueira do presente que se articula o pensamento do filósofo Giorgio Agamben, neste terreno que procuro as questões atravessadas no debate da arte em espaço público, nessa mesma direção, Jorge Ramos do Ó me incentivou “a saltar para fora do quadro”, “a pensar para além das evidências”, “perceber o que não sabemos” (Anotações do II Encontro Aberto do Doutorado em Educação Artística da FBAUP). Enfim, tentar entender como se tornou possível apenas um discurso autorizado, para falar sobre arte pública.

4. O contemporâneo

A questão discutida neste tópico gira em torno do conceito de contemporâneo o qual será confrontado com a proposta de intervenção artística em espaço público e com a ideia de quilombo, tendo sempre em vista a seguinte afirmação, “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (Idem, p.62). O olhar fixado no presente sugere logo de início alguns problemas como, por exemplo, como o senso comum e a Historiografia, a Antropologia, a Sociologia tratou do tema da existência de quilombos na sociedade brasileira.

O conceito de quilombo adotado neste texto reflete a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, não na figura de um museu fixado e cristalizado no passado Souza, formulou o seguinte entendimento, “contemporaneamente, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou comprovação biológica” (SOUZA, 2008, p.60). A partir do conhecimento das artes visuais precisamente intervenção em espaço público, penso ser pertinente para o meu trabalho de investigação a experiência dos artistas, professores, investigadores, alunos e ex-alunos do movimento intercultural IDENTIDADES ligado a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

A comunidade quilombola de Conceição das Crioulas não é um grupo isolado, desde a sua formação no século XIX sempre esteve em contato com o comércio e com as cidades da região do sertão central pernambucano, mesmo assim estou consciente que a ideia que prevalece quando se pensa em quilombo é ainda aquela construída pelo colonizador que reprovava e reprimia violentamente a criação de comunidades negras que fugiam do regime escravocrata, “as discussões conceituais remetem em sua grande maioria à perspectiva congelada e ultrapassada de quilombo” (SOUZA, 2008, p.76).

Nas trevas do presente surge essa questão conceitual e ideológica sobre a existência de quilombos no Brasil do século XXI, na perspectiva de muitos latifundiários os quilombos são organizações sociais primitivas e extintas, o trabalho de intervenção artística que estou a realizar em Conceição das Crioulas para a escrita de tese de doutoramento, torna contemporânea essa questão com o olhar das artes visuais a partir de uma comunidade real, atual que não ficou presa ao passado, mas acompanhou o desenvolvimento dialético da história.

Quando imaginei relacionar o conceito de contemporâneo de Agamben com a questão quilombola, partindo de uma reflexão inscrita no campo específico das artes visuais, estava consciente que, na Historiografia, na Antropologia, na Sociologia, e para muitos operadores do Direito existem uma nítida intenção de atualizar o conceito de quilombo na perspectiva do século XXI. Todo conceito é uma construção histórica e ganha diferentes significados ao longo do tempo “o conceito de quilombo como vivo e dinâmico tem ganhado uma ampla discussão recentemente” (SOUZA, 2008, p.77). É precisamente a partir desta ideia que estou a escrever.

Não pretendo com as intervenções em Conceição das Crioulas criar obras de arte, no sentido clássico que a academia ensina, pintura, escultura, gravura, desenho, fotografia, áudio visual etc., mas criar uma relação de cumplicidade, de colaborações e de partilha do sensível com a comunidade negra, inspirado, motivado e orientado pelo trabalho do IDENTIDADES.

O movimento cultural IDENTIDADES não pretendeu nunca produzir o objeto artístico. Suspende essas possibilidades, assume a ação como intervenção política em contextos onde as populações se envolvem no seu próprio desenvolvimento (PAIVA, 2011, p.31).

Esse coletivo heterogêneo que desenvolve trabalho de investigação e intervenção artística em espaço público e em comunidades tradicionais no Brasil, em Cabo Verde, em Moçambique e em Portugal países falantes da língua portuguesa:

É um movimento de acção e reflexão partilhada elege a cumplicidade e a permanente interligação arte/desenvolvimento, remetendo para a investigação intimista e pessoal as responsabilidades, a procura dos processos e do sentido de quem intervém fundindo a energia artística com o exercício da cidadania (PAIVA, 2011, p.31).

Penso não ser exagerado dizer que a utopia artística deste movimento intercultural está em perfeita sintonia com a filosofia de Agamben, sobretudo quando ele diz: “todos os tempos são para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuro” (Idem, p.62). A fantasia está precisamente na acção de sair da galeria, do museu, dos centros culturais e ir para as comunidades pobres do nordeste brasileiro e países africanos que também sofrem com a falta de condições dignas de sobrevivência, é neste sítio que uma malta de artistas, professores e investigadores pensam a arte contemporânea.

O debate posto na literatura especializada sobre comunidade quilombola deixa bem esclarecido que o conceito e a ideia da existência destes locais foram deixados em completo esquecimento da abolição da escravidão em 1888 até a Proclamação da Constituição cidadã de 1988, onde os quilombos são reconhecidos e os quilombolas saem do esquecimento, esse é um assunto atual, “contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (Idem, p.63). A intenção é intervir em Conceição das Crioulas e narrar o processo mergulhado nas trevas do presente.

A principal questão que esse texto sugere é exatamente a necessidade de pensar a arte em espaço público no campo da transgressão dos códigos eruditos da arte hegemônica dos museus e das galerias e levá-la para uma comunidade pobre no nordeste brasileiro, “pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, e sua íntima obscuridade” (Idem, p.63 - 64). Não se trata de uma ideia ingênua da arte, como salvação, ou com o discurso da felicidade, a ideia é justamente a acção política e cidadã.

Volto ao conceito de Agamben: “contemporâneo é aquele que percebe o escuro de seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se a ele” (Idem, p.64). Trazendo essas imagens para a questão quilombola penso no argumento em oposição daquele criado e difundido no Brasil colônia, império, república e chega até os dias hoje, que insistem na opinião de remanescente, de resto, do que sobrou de uma população organizada clandestinamente em locais inacessíveis ao fugir da escravidão.

Somos contemporâneos do nosso tempo, assim Agambem formulou essa questão, “a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (Idem, p.59). Procuo pensar a arte em espaço público em um estado de discronia ou dissociação da forma hegemônica das artes visuais que reina absoluta nos museus, galerias e centros culturais neste início de século, busco a partir de uma comunidade negra rural do nordeste brasileiro, não aderir aos modismos do tempo presente.

Prosseguindo com este argumento da dissociação do tempo o filósofo acrescenta: “aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a este aderem perfeitamente, não são contemporâneos” (Idem, p.59). O que julgo pertinente para a discussão da arte em espaço público é precisamente a ideia de que ao conformarmos com o presente e aderirmos acriticamente a ele, não conseguimos percebê-lo e muito menos manter fixo o olhar sobre o mesmo, somos contemporâneos do nosso tempo e dos autores do passado e do presente que estudamos.

Por fim, a tarefa iniciada nas disciplinas, nas leituras e nas aulas, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (a tese por vir) se tão somente expandir o campo de compreensão das artes visuais em comunidades tradicionais, já é um pequeno contributo para a construção desta área do conhecimento. O conceito de Agamben (2009) ousa ver “as trevas do presente, perceber o sombrio” (Idem, p.63). A discussão em torno da certificação e regularização das terras quilombolas é um assunto tenso e envolve conflito de interesses entre os povos negros e os latifundiários.

Não vejo neutralidade na ideia de arte em espaço público, ou intervenção artística em comunidade tradicional quando ela se preocupa exclusivamente em legitimar o poder hegemônico, assim como não vejo neutralidade quando a sua concepção, ensino e criação estão engajados politicamente, isso faz desta questão uma problemática contemporânea “contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (Idem, p.64). É na zona da cegueira do tempo presente que visualizamos o futuro.

As luzes radiantes desde debate da arte em espaço público estão nos dualismos existentes tanto na sua criação como no seu ensino, como os seus muitos cânones. Intervenção artística e multicultural é neste contexto quilombola existência, encontro, trocas de experiência e de afeto é partilhar o sensível. Assim, através de uma ideia: o desconhecido, o que está ainda para ser descoberto, submerso e subterrâneo que me desafiará a descobrir faíscas e levantar velhas e novas demandas no entendimento e na investigação em artes visuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Sc: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução de Luísa Feijó. Lisboa: Cotovia, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Pesquisa Artística. IV Encontro Aberto do Doutorado em Educação Artística*. Faculdade Belas Artes da Universidade do Porto, 07 de novembro 2012.

LOPES, Leão. *III Encontro Aberto do Doutorado em Educação Artística*. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 02 de novembro de 2012.

Ó, Jorge Ramos do. *Escrita do contemporâneo e a pesquisa em educação artística: os desafios de Blanchot, Barthes, Deleuze, Derrida e Foucault. II Encontro Aberto do Doutorado em Educação Artística*. Faculdade Belas Artes da Universidade do Porto, 12 e 13 de outubro de 2012.

PAIVA, José Carlos. *No Sertão Pernambucano à procura de uma imagem mais nítida do descontentamento como artista, saboreando mugunzá.. In. PAIVA, José Carlos e MARTINS Catarina (org) Investigar a partir da acção intercultural. ID-CAI (Colectivo de Acção e Investigação). Porto: Gesto, 2011.*

SOUZA, Oliveira Bárbara. *Aquilombar-se – panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Universidade de Brasília: Brasil, 2008.

Minicurrículo

Denilson Pereira Rosa é graduado em Design de Moda pela Universidade Federal de Goiás e Licenciado em Artes Visuais – Universidade Federal de Goiás, Especialista em História Cultural - Universidade Federal de Goiás, Mestre em Educação – Universidade Federal de Goiás e Doutorando em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – Portugal. Email: denilsonprosa@gmail.com.